

INTOLERÂNCIA, SEU SIGNIFICADO E LIBERTAÇÃO

*João Carlos dos Santos Jr.*²⁸⁷

Desde milênios, o homem vem desenvolvendo vida de relação no que convencionamos de 'base cultural'. Que, resumidamente, podemos comumente conceituar como modo, maneira ou comportamento da maior parte de indivíduos que socializam um mesmo *locus* em dada época ou contexto. Daí deriva estilos literários, filosóficos, na religião, na origem fonética, levando a expressão da arte e sua exteriorização na música, encenação, moda, arquitetura e as mais diversas formas de retratar aspectos singulares de um povo, região, nação o que culminou na popular divisão do mundo na cultura ocidental e oriental, por tão marcante serem suas diferenças e expressões.

De longo tempo o homem vem se agrupando, imerso em suas tendências comportamentais, sociais, psicológicas, religiosas, culturais em diferentes matizes de modelos mentais no qual deseja se apropriar, seguindo correntes temporais com elos formados por pensamentos comuns, chegando a extremos, como o Fundamentalismo ou o Fanatismo.

Todo este processo tem sua raiz na busca infinita da individualização do Ser espiritual ao passar pelos longínquos processos de laboração para perfeição relativa²⁸⁸ (Kardec, 2010). A cada etapa do processo, vão-se construindo arquétipos, na linguagem de Carl G. Jung²⁸⁹, que são importantes para consolidação do Ser integral.

Com base neste olhar, poderíamos aprofundar e oferecer reflexões para lapidar arestas deste imenso monolítico, que é a consciência humana, em análises escatológicas robusta em sua estrutura. Seriam infinitesimais teses mostrando as causas e consequências das intolerâncias religiosas, filosóficas, acadêmicas, profissionais, raciais, digitais e tantas outras que campeiam os povos da Terra. Contudo, o mote deste artigo busca olhar o processo de intolerância, a partir da trajetória do espírito imortal e oferecer recursos para o Ser libertar-se das correntes impostas pelo seu próprio psiquismo, quando não se percebe imerso no "caldeirão" dos pensamentos fixantes do contexto em que vivemos. O método conduzirá a análise de alguns pontos de vista da psicologia transpessoal²⁹⁰ e a Doutrina Espírita, em especial atenção aos textos dos Espíritos de Joanna de Ângelis e Ermance Dufaux.

²⁸⁷ Trabalhador da DEIJ.

²⁸⁸ "a perfeição relativa, aquela de que a humanidade é suscetível e que mais a aproxima da Divindade. Mas em que consiste essa perfeição? Jesus o diz: "Amar seus inimigos, fazer o bem àqueles que nos odeiam, orar pelos que nos perseguem". Ele mostra com essas palavras que a essência da perfeição é a caridade no seu mais amplo significado, porque ela traz como consequência a prática de todas as outras virtudes" (Kardec, 2010, pg. 290).

²⁸⁹ Carl Gustav Jung foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica. Jung propôs e desenvolveu os conceitos da personalidade extrovertida e introvertida, arquétipos e o inconsciente coletivo. (Wikipédia, 2017). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Gustav_Jung.

²⁹⁰ A Psicologia transpessoal é uma abordagem da Psicologia considerada por Abraham Maslow (1908-1970) como a "Quarta Força da Psicologia", sendo a primeira força a Psicanálise, seguida da Psicologia comportamental, e a terceira a Psicologia humanista (Wikipédia, 2017). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Psicologia_transpessoal.

Premissas

A partir da visão científica de tolerância do Dr Abdul Ghaffar, da University of South Carolina School of Medicine (2017), advém seu oposto como uma reatividade específica da pessoa. Vem provocado por motivação que encontrou reação própria, ou seja, partiu do Ser, do seu interior, denotando o caráter endógeno que melhor descreve o processo tanto da tolerância como da intolerância.

"Tolerância se refere a não reatividade imunológica específica a um antígeno resultando de uma exposição prévia ao mesmo antígeno. Enquanto a forma mais importante de tolerância é não reatividade a antígenos próprios, é possível induzir tolerância a antígenos não próprios" (<http://www.microbiologybook.org/Portuguese/immuno-port-chapter16.htm>. 2017).

A Declaração Universal dos Direitos do Homem (2017), proclama que "Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião" (art. 18), "de opinião e de expressão" (art. 19) e que a educação "deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos étnicos ou religiosos" (art.26). Tolerância é uma das tantas virtudes, necessárias para elevar o ser humano à condição de civilidade. Ela faz parte do processo de desenvolvimento ético de indivíduos e grupos, cuja meta é levá-los a manter a "disposição firme e constante para praticar o bem". Implica em dois sentidos. "Ser virtuoso", tanto pode ser um sujeito com disposição de praticar o bem, como também pode ser "toda pessoa que domina em alto grau a técnica de uma arte" (Dicionário Aurélio: p.1465), por exemplo, ser um "virtuoso na arte de tocar violino".

Na tradição da filosofia moral, a tolerância não é exatamente considerada uma "grande virtude" ou "virtude cardinal", tal como é a justiça, a coragem, a prudência e a temperança ou moderação. Contudo, ela não deve ser posta do lado das chamadas "pequenas virtudes", como é o caso da polidez.

A tolerância deve ser vista numa posição especial, de entremeio das virtudes, sendo mais que respeito, polidez ou piedade. O filósofo Rouanet²⁹¹ (2003), a vê "como passagem para um estágio mais civilizado e menos mecânico de convívio das diferenças". Sinaliza, no entanto, que "as diferenças não devem ser apenas toleradas, porque do contrário elas se reduziriam a um sistema de guetos estanques, que se comunicariam no espaço público; deve ser uma virtude que cause interpenetração entre os diferentes". Ou seja, a tolerância deve ser um ato constante de prevenção e de educação, próprios.

Comte-Sponville (1999), diz que a tolerância "é uma espécie de sabedoria que supera o fanatismo, esse terrível amor à verdade". A tolerância é uma espécie de prevenção contra o dogmatismo, para que este não vire fanatismo (na dimensão pessoal), fundamentalismo (na dimensão religiosa) e totalitarismo (na dimensão de Estado de Governo; ou em Administração).

²⁹¹ Sérgio Paulo Rouanet é um diplomata, filósofo, professor universitário, tradutor e ensaísta brasileiro. É membro da Academia Brasileira de Letras desde 1992 (Wikipédia, 2017). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9rgio_Paulo_Rouanet.

A tolerância, assume, então, o papel de ser o exercício necessário (que precisamos fazer) para se conquistar a Sabedoria.

Interessante consideração de Comte-Sponville (1999), na sua tese sobre tolerância: “A tolerância, como força prática (como virtude), funda-se assim em nossa fraqueza teórica, isto é, na incapacidade em que estamos de alcançar o absoluto”. Se o absoluto não é conhecido, a tolerância obedece uma dinâmica de processo, construção, etapas que se sucedem até a extensão que o presente nos permite tocar.

Voltaire dizia *apud* Comte-Sponville (1999):

“O que é a tolerância? É o apanágio da humanidade. Somos todos feitos de fraquezas e de erros; perdoemo-nos reciprocamente nossas tolices, é esta a primeira lei da natureza”. É aí que a tolerância tem a ver com a humildade, ou antes, dela decorre, como esta da boa-fé: amar a verdade até o fim é também aceitar a dúvida em que ela resulta, para o homem. De novo Voltaire: “Devemos tolerar-nos mutuamente, porque somos todos fracos, inconsequentes, sujeitos à mutabilidade, ao erro. Um caniço vergado pelo vento sobre a lama porventura dirá ao caniço vizinho, vergado em sentido contrário: ‘Rasteja a meu modo, miserável, ou farei um requerimento para que te arranquem e te queime?’ ”. Humildade e misericórdia andam juntas, e esse conjunto, no que se refere ao pensamento, conduz à tolerância (Voltaire dizia *apud* Comte-Sponville, 1999).

As virtudes, a moral e a conduta humilde e misericordiosa são conquistas que constroem o Ser, o Espírito imortal para sua regeneração e evolução.

Quem se pretende possuir “a verdade”, ou melhor, “a certeza”, termina sendo intolerante em aceitar outros posicionamentos, se fechando a escuta de tudo que apresente diferente ou incompreensível ao seu esquema conceitual de fala e ação. O moralista, por exemplo, é intolerante com os que possuem valores diferentes do seu; em verdade, sabemos se tratar de um moralista quanto sofremos a imposição de seus valores, baseado em sua “certeza moral”. O moralista carrega a ambição de impor a todos, universalizando seus valores como certos. Enfim, “toda intolerância tende ao totalitarismo” (“integrismo”, em matéria religiosa). Ser intolerante é manter uma “atitude de ódio sistemático e de agressividade irracional com relação a indivíduos e grupos específicos, à sua maneira de ser, a seu estilo de vida e às suas crenças e convicções”.

Do ponto de vista da instituição religiosa que vigiam a moral, essa não se manteve inerte e publica, no ano 311, o Edito da Tolerância por Galerius²⁹² com vista a harmonizar o culto Romano e dos Cristãos encontrado em Wikipedia (2017).

Tanto no caso do edito de tolerância de Galérius quanto de Constantino e Licínio, o texto latino original encontra-se em Lactâncio e apenas uma tradução grega em Eusébio (HE, Bk. VIII, 17 e X, 5).

EDICTO DE TOLERAÇÃO POR GALERIUS- 311 A. D.

²⁹² Galério Maximiano (em latim: Gaius Galerius Valerius Maximianus; 260 — 311) foi um imperador romano. Governou, junto de outros, de 305 a 311. Com a reorganização política chamada tetrarquia, promovida por Diocleciano, Galério foi nomeado César, com a atribuição de administrar as províncias balcânicas, com capital em Sirmio (atual Sremska Mitrovica). Wikipedia, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gal%C3%A9rio>.

(Ch. 34.) [...] para conferenciar a respeito do bem e da segurança do império, decidimos que, entre tantas coisas benéficas à comunidade, o culto divino deve ser a nossa primeira e principal preocupação. Pareceu-nos justo que todos, os cristãos inclusive, gozem da liberdade de seguir o culto e a religião de sua preferência. Assim qualquer divindade que no céu mora ser-nos-á propícia a nós e a todos nossos súbditos.

Decretamos, portanto, que, não obstante a existência de anteriores instruções relativas aos cristãos, os que optarem pela religião de Cristo sejam autorizados a abraçá-la sem estorvo ou empecilho, e que ninguém absolutamente os impeça ou moleste... Observai, outrossim, que também todos os demais terão garantia a livre e irrestrita prática de suas respectivas religiões, pois está de acordo com a estrutura estatal e com a paz vigente que asseguremos a cada cidadão a liberdade de culto segundo sua consciência e eleição; não pretendemos negar a consideração que merecem as religiões e seus adeptos. [...]

Use-se da máxima diligência no cumprimento das ordenanças a favor dos cristãos e obedeça-se a esta lei com presteza... (Wikipedia, 2017)

Ermance Dufaux

Nesta seção faz-se a proposta de utilizar um texto de referência: ESTUDANDO A ARROGÂNCIA I, de autoria de Ermance Dufaux (2010). Tem-se como objetivo adentrar na vivência Espiritista, por nos dar uma visão mais completa daquilo que já é possível perceber, no plano encarnado e que nos cabe utilizar para entender a vida e seu propósito a partir das raízes da consciência.

Porque a ‘arrogância’ seria a questão a desvendar no que concerne ao comportamento intolerante? Qual a relação entre as duas coisas? Por ser a “Arrogância, eis um tema de extrema importância para ser meditado em nossos núcleos de amor cristão”.

Como ponto de partida, essa imperfeição é fruto do egoísmo (amor exagerado aos próprios interesses a despeito dos de outrem) e segundo Kardec “é a mais difícil de desenraizar-se porque deriva da influência da matéria, influência de que o homem, ainda muito próximo de sua origem, não pôde libertar-se e para cujo entretenimento tudo concorre: suas leis, sua organização social, sua educação” (KARDEC, 2011, pg. 917).

Entender a importância do ego e sua estrutura nas relações com as coisas e pessoas na sua atual encarnação constitui um seguro roteiro para o conhecimento de si mesmo, pois “A sutil diferença entre pensar excessivamente em si e pensar em si com benevolência pode determinar a natureza de todos os sentimentos humanos. O excesso de interesse por si mesmo é um ciclo de ilusões que se repete sustentando o autodesamor em milênios de perturbação [...] com a edificação da paz interior”.

Durante muitos séculos de vida em que o estado de consciência sofre embotamento “A paixão — ausência de domínio sob gerência da vontade — ensejou reflexos perniciosos, cujas raízes encontram-se no egocentrismo — o estado mental de fechamento das nossas próprias criações”.

Apesar que a estrutura psicológica do ego em nossas “linhas de evolução, o instinto de conservação desenvolveu a posse como sinônimo de

proteção” a viciação na vida da matéria trouxe o conformismo e os excessos a qualquer preço, inclusive pelas vias da intolerância na conduta arrogante.

“O princípio que gera a arrogância foi colocado no homem para o bem. É a ânsia de crescer e realizar-se. O impulso para progredir. O instinto de conservação que prevê a proteção, a defesa. Tais princípios são os fatores de motivação para a coragem, a ousadia, o encanto com os desafios. Graças a eles surgem os líderes, o idealismo e as grandes realizações inspiradas em visões ampliadas do futuro. O excesso de tudo isso, no entanto, criou a paixão. A paixão gerou o vício. O vício patrocinou o desequilíbrio.

[...] O egoísmo é o sentimento básico. Arrogância é a atitude íntima derivada desse alicerce de sensações nascidas no coração ocupado, exclusivamente, com seu ego. Uma compulsiva necessidade de ser o primeiro, o melhor, manifestada através de um cortejo de pensamentos, emoções, sensações e condutas que determinam o raio espiritual no qual a criatura transita (DUFAUX, 2010).

Por predominar naquele que habita o planeta de provas e expiações traços ou estereótipos de arrogância, se manifesta o inconformismo contínuo e em desequilíbrio “esse traço atingiu o patamar de rebeldia e obstinação enfermiza. A rebeldia tornou-se um condicionamento psicológico que dilata as ações da arrogância. Uma lente de aumento que decuplica e acelera as mutações da autossuficiência”.

Essa rebeldia e abusos de conduta autoritária leva e “deságuam nos comportamentos de intolerância”.

Quase sempre, essa inquietude da alma alcança o perfeccionismo e a ansiedade que, frequentemente, deságuam na necessidade de controle e domínio.

“Egoísmo que na sua mutação transforma-se em arrogância; essa, por sua vez, deriva um cortejo de outros sentimentos sob ação do orgulho e da rebeldia” (DUFAUX, 2010).

Sob a motivação do conhecimento de nós mesmo pode-se promover uma abordagem de auto-amor, plena aceitação das condições psicológicas e ser feliz na construção de si mesmo pela dinâmica da convivência entre pessoas “e as pessoas do que naquilo que são realmente. Por essa razão, esse processo da vida mental consolida-se como piso de inúmeras psicopatologias da classificação humana”.

Na visão de Ermance vários comportamentos recorrentes em nossa sociedade se relaciona com a doença da arrogância. Eis

“outros efeitos dessa doença:

1. Perda do autodomínio.
2. Apego a convicções pessoais.
3. Gosto por julgar e rotular a conduta alheia.
4. Necessidade de exercício do poder.
5. Rejeição a críticas ou questionamentos.
6. Negação de sentimentos.
7. Ter resposta para tudo.
8. Desprezo aos esforços alheios.
9. Imponência nas expressões corporais.
10. Personalismo.
11. Autossuficiência nas decisões.
12. Bloqueio na habilidade na empatia.

13. Incapacita para a alteridade.
14. Turva o afeto.
15. Acredita que pode mais do que realmente é capaz.
16. Buscar mais do que necessita.
17. Querer ir além de seus limites.
18. Exigir mais do que consegue.
19. Sentir que somos especiais pelo bem que fazemos.
20. Supor que temos a capacidade de dizer o que é certo e errado para os outros.
21. Sentir-se com direitos e qualidades em função do tempo de doutrina e da folha de serviços.
22. Acreditar que temos a melhor percepção sobre as responsabilidades que nos são entregues em nome do Cristo.
23. Julgar-se apto a conhecer o que se passa no íntimo de nosso próximo.
24. Desprezar o valor alheio” (DUFAUX, 2011).

É muito importante para aqueles que se permitem olhar a si mesmo pelo caminho das mudanças emocionais e o auto encontro, pois:

“[...] Ter autoconsciência é uma das habilidades da inteligência emocional. Saber dar nome aos nossos sentimentos é fundamental no processo de crescimento e reforma interior. A arrogância que costumamos rejeitar como característica de nossa personalidade é responsável por uma dinâmica metamorfose dos sentimentos” (DUFAUX, 2011).

E a autora conclui:

“Considerando tais reflexões acerca dessa doença dos costumes, tenhamos algumas ponderações que nos motivem a algumas autoaferições à luz da claridade espírita.
 Arrogância — Intolerância, inveja, poder, vaidade.
 Intolerância — autoritarismo e teimosia.
 Inveja — impulso de disputa e comparação.
 Poder — perfeccionismo e ansiedade.
 Vaidade — Megalomania e presunção” (DUFAUX, 2011).

Joanna de Ângelis

Joanna de Ângelis (1990), no texto ‘Jesus e Tolerância’ desenvolve uma, mostrando que nos problemas do julgamento das faltas alheias, na visão de pecado que gera um processo de autoflagelação para se liberar da culpa “sombra perturbadora na personalidade, responsável por enfermidades soezes, causadoras de desgraças de vária ordem”.

Nesse contexto da individualidade por meio dos automatismos “Julgando as ações que considera incorretas no seu próximo, realiza um fenômeno de projeção da sua sombra em forma de autojustificação” e a intolerância “que não consegue libertá-lo do impositivo das suas próprias mazelas”.

Por isso, “A tolerância [...] a todos se impõe como terapia pessoal e fraternal, compreendendo as dificuldades do caído, enquanto lhe distende mãos generosas para o soerguer”. O que não deixa de ser o perdão ao próximo a partir do conhecimento da dimensão e entendimento de si mesmo.

Na falta de perdão, da intolerância, “Na acusação, no julgamento dos erros alheios, deparamos com propósitos escusos e vingança-prazer em

constatar a fraqueza dos outros indivíduos, que sempre merecem a misericórdia que todos esperamos encontrar quando em circunstâncias equivalentes”.

Foi Jesus que mais nos mostrou os efeitos em nós mesmos ao olharmos somente a conduta alheia (“trave dificultando-lhe a visão, e, no entanto, vê o cisco no olho do seu próximo”) e julgamentos exarados sempre a partir de pontos de vista fundos em intolerâncias na vivência dos papéis de autoridade dentro da família ou nas funções laborais. O que não quer dizer que não haja

“cortes e autoridades credenciadas para o ministério de saneamento moral da sociedade, encarregadas dos processos que envolvem os delituosos, e os julgam, estabelecendo os instrumentos reeducativos, jamais punitivos, pois que, se o fizessem, incidiriam em erros idênticos, se não mais graves” (ÂNGELIS, 1990).

As consequências desta reflexão é que:

“O julgamento pessoal, que ignora as causas geradoras dos problemas, demonstra o primitivismo moral do homem ainda ‘lobo’ do seu irmão.

“O Mestre estabeleceu a formosa imagem do homem que [...] não solucionou todos os problemas, nem atendeu a todos, como eles o desejavam. Não obstante, compadecido, os amou, envolvendo-os em ternura e ensinando-lhes as técnicas de libertação para adquirirem a paz” (ÂNGELIS, 1990).

Joanna diz para atenuar o intolerante: “Tem compaixão de quem cai. A consciência dele será o seu juiz. Ajuda aquele que lhe constitui punição. Tolerar o infrator. Ele é o teu futuro, caso não disponhas de forças para prosseguir bem”.

Essa conduta não deixa apáticos com relação ao abuso à liberdade de cada pessoa propondo a passividade e a omissão, mas,

“A tolerância que utilizares para com os infelizes se transformará na medida emocional de compaixão que receberás, quando chegar a tua vez, já que ninguém é inexpugnável, nem perfeito” (ÂNGELIS, 1990).

O que aprendi

O processo de observar a intolerância em mim, propôs uma nova forma de auto olhar e a forma com que reflito sobre minhas ações. De repente, as construções racionais e a relação com o outro se tornam insumos para avaliar o grau de intolerância que é produzido em meu Ser. Descobri que a intolerância em mim não é mal a exterminar e sim a aprender, pois a cada intolerância, revela-se algo de mim que, talvez, não conheça bem e que precisa ser tratado com amor e daí transformado em bem.

A construção desta reencarnação com a convivência com o outro, numa postura classificada por mim como intolerante, se transforma em importante recurso, pois se trata dos reflexos condicionados que trago em mim e por só, já é um roteiro nobre para a constante agenda íntima.

Não descobri um roteiro sistematizado para mim e nem ao que chamo de intolerante. Descobri uma jornada pessoal na qual, temas transversais como: o perdão e o auto amor, matérias abordadas no IV Simpósio FAK, sob o

título O PERDÃO E SUA APLICABILIDADE NA CONSTRUÇÃO DO SER ESPIRITUAL, são etapas no caminho em que me proponho a trilhar.

Lembrando daquela ocasião (IV Simpósio), registrei como conclusão algo que proporciona uma percepção com o tema tratado: “A filosofia central [do perdão] é contribuir para um olhar mais atento e cuidadoso sobre si mesmo” o que denota a conexão entre os dois temas: Perdão e Intolerância, por ambos oferecem um convite para o autodescobrimento, por meio do amor a si mesmo. É preciso gostar de si para não negar a intolerância e a falta de perdão a si mesmo. Não obstante a lição de Jesus, que exalava amor ao ponto que tocar nas suas vestes promovia cura (vide passagem da mulher hemorroíssa), o convite de Sto. Agostinho para conhecer a si e para se amar é a direção daqueles que buscam a felicidade. Esse amor a si se doa em caridade a sua volta nas coisas e às pessoas do planeta, independente do rito religioso, proposta para transformar a sociedade e suas relações com a casa em que habitamos (Gaia²⁹³).

Sabemos que os níveis de intolerância são em diferentes dimensões e a sua mensuração é objeto da análise pessoal, mas é seguro afirmar que está associada à maturidade individual do Espírito eterno e não somente do meio que o envolve, por isto destaco que essa trajetória transcende uma reencarnação, uma vez que do inconsciente coletivo e profundo (na classificação C. G. Jung) traz, a cada etapa vencida na vida consciente, novos conteúdos que desembocam em pensamentos e atos intolerantes, na mesma dinâmica em que exerço o perdão. Se a intolerância campeia em nosso reino mental, menos flexibilidade/razoabilidade temos para perdoar e daí cultivamos mais intolerância.

Se fosse recomendar algo a um amigo sobre o tema da intolerância, diria para começar seus estudos íntimos no lar. Talvez não consiga iniciar na relação com seu pai ou mãe, mas com a esposa/a, irmão, namorado/a, amigo muito próximo, seja um caminho para que possas ter mais coragem no mergulho nas *águas agitadas* do Eu.

Muitas vezes percebo que a intolerância traz no fundo uma vontade de auto afirmação, fruto do exercício da imposição de ideias. O seu oposto está ligado à compaixão e sabedoria que são frutos do processo de auto aceitação e conhecimento de si mesmo capaz de direcionar a compreensão e ajudar caridoso ao próximo.

Minha jornada pessoal quanto à intolerância não se encerra neste momento que debrucei-me a escrever, mas continua, descobrindo novas estruturas psico-mental da jornada espiritual, de acordo com a maturidade em que nos percebemos melhor.

Outro aspecto, que considero relevante neste aprendizado, está ligado à percepção espiritual. Cada vez mais se alarga o sentir quando os meandros do Eu intolerante começam a sobressair em suas ligações com o mundo extra-físico, tanto nas boas sensações e nas opostas, tudo porque somos Espíritos em pleno conhecimento das forças da alma, a cada dia aprendemos mais de nós próprios e nossas relações.

²⁹³ Gaia, Geia ou Gé (em grego: Γαία, transl.: Gaía), na mitologia grega, é a Mãe-Terra, como elemento primordial e latente de uma potencialidade geradora incrível. Segundo Hesíodo, no princípio surge o Caos (o vazio) e dele nascem Gaia... Wikipedia, 2017. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Gaia_\(mitologia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gaia_(mitologia)).

Conclusão

Como principal resposta apresentada neste trabalho, pode-se concluir que, pelo viés do autodescobrimento, o olhar a si, muito se revela da intolerância na qual somos fruto nas mais diversas situações e matizes dos relacionamentos.

Esse auto estudo sobre si mesmo, aliado a proposta da conduta cristã de amor ao próximo e perdão das ofensas (uma das causas da intolerância) apresenta-se como outra conclusão no campo prático.

Uma visão proporcionada pelo texto é que cada Ser se encontra em processo dinâmico de consciência individualizada e, portanto, em diferentes estágios. Tratar o assunto intolerância leva a leitura de várias percepções. Logo, a aqui ofertada, não representa a totalidade e nem o pleno entendimento das questões da intolerância.

Olhar o tema da intolerância pela conduta tolerante não se esgota somente nas reflexões aprazadas neste artigo. Por se tratar de tema vivo, entre todas sociedades e culturas planetárias, ainda muitos apanhados e vivências surgirão para dar melhor completude ao que já escrito e que nos parece ensinar.

REFERÊNCIAS

ÂNGELIS, Joanna de (espírito); FRANCO, Divaldo. **Jesus e atualidade**. São Paulo: Pensamento. 1990.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

DUFAUX, Ermance. **Escutando Sentimentos**; psicografado por Wanderley Soares de Oliveira. Belo Horizonte: Dufaux, 2011.

GHAFFAR, Abdul. **Imunologia – Capítulo Dezesseis: Tolerância e Autoimunidade**. Tradução: PhD. Myres Hopkins. <http://www.microbiologybook.org/Portuguese/immuno-port-chapter16.htm>. Acesso em 13 Set 2017.

KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Tradução de Albertina Escudeiro Sêco. 5ª. edição. Rio de Janeiro: CELD, 2010.

_____. **O Livro dos Espíritos**. Tradução de Albertina Escudeiro. Sêco. 2ª. edição. Rio de Janeiro: CELD, 2011.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf. Acesso em 29 Set. 2017.

ROUANET, Sergio Paulo. **Idéias da Cultura Global À Universal**. São Paulo, Ed. São Marcos, 2003.

WIKIPEDIA. **Galerius and Constantine: Edicts of Toleration 311/313** - Fordham University (em inglês). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89dito_de_Mil%C3%A3o. Acesso em 01 Out 2017.